

## CULTURAS JUVENIS CONTEMPORÂNEAS EM PAUTA: POSSIBILIDADES DA PESQUISA EM EDUCAÇÃO

Daniela Medeiros de Azevedo (PPGEDU/UFRGS)<sup>1</sup>

Elisabete Maria Garbin (PPGEDU/UFRGS)<sup>2</sup>

Marília Bervian Dal Moro (Lic. Pedagogia/UFRGS)<sup>3</sup>

### RESUMO

O presente estudo objetiva analisar pesquisas desenvolvidas no campo educacional junto a um grupo de investigação sobre culturas juvenis. A pertinência do estudo se justifica pela possibilidade de buscar compreensões sobre múltiplas juventudes que vêm desafiando os sólidos marcos que ergueram as instituições e preceitos modernos, a exemplo dos arranjos escolares, remetendo a uma série de questionamentos sobre estes sujeitos-jovens contemporâneos. O conceito de culturas juvenis é costurado a partir de Feixa (1999), que as nomeia como um conjunto de formas de vida e valores característicos e distintos de determinados grupos de jovens. Também se refere à forma como jovens expressam suas experiências de forma coletiva mediante a produção de distintos estilos de vida que perpassam, sobremaneira, o seu tempo livre e interstícios da vida institucional – família, escola, igreja, dentre outras. O referencial conceitual tem como base produções teóricas debatidas e desenvolvidas em estudos sobre culturas juvenis a partir das contribuições do campo dos Estudos Culturais em Educação e suas aproximações a etnografia e a netnografia no campo educacional. As pesquisas discutidas neste estudo permitem produzir compreensões sobre diferentes modos de ‘ser’ e ‘estar’ jovem que tomam a cena no século XXI e que, imbricados às próprias condições de nossa época, vêm tensionando práticas escolares.

**Palavras-chave:** Estudos Culturais em Educação. Culturas Juvenis. Etnografia e Netnografia em Educação.

### DELIMITANDO O TEMA – DAS PERSPECTIVAS TEÓRICO-METODOLÓGICAS

O presente texto se alinha ao campo dos Estudos Culturais em Educação, tendo como pauta a discussão sobre pesquisas desenvolvidas junto ao Projeto *Culturas Juvenis em Porto Alegre: cenários de múltiplos desordenamentos*. Nesta perspectiva, distanciamos-nos de outras

---

<sup>1</sup> Doutoranda na Linha de Pesquisa dos Estudos Culturais em Educação, vinculada ao Núcleo de Estudos sobre Currículo, Cultura e Sociedade (NECCSO), sob orientação da Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> Elisabete Maria Garbin.

<sup>2</sup> Doutora em Educação, Professora da Faculdade de Educação e do Programa e Pós-Graduação da Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Coordenadora do Projeto de Pesquisa *Culturas Juvenis em Porto Alegre: cenários de múltiplos desordenamentos*.

<sup>3</sup> Graduada em Pedagogia (UFRGS) e Bolsista PIBIC/CNPQ.

possíveis análises que concebem a linguagem como essência ou forma de representação, a partir da *virada linguística*, passamos a compreendê-la como instituidora, criando e dando sentido às coisas e à nossa experiência. Portanto, implicando conceber de outra forma o conhecimento, não como algo natural, intrinsecamente lógico e objetivo, mas como produto de discursos em que perpassam relações de poder. Neste sentido, as análises das culturas – centrais para os Estudos Culturais – são interpretações que não representam a realidade, mas a produzem discursivamente.

A este respeito, nos aproximamos da noção desenvolvida por Foucault (1996) sobre discursos enquanto práticas organizadoras que, muito além de utilizar os signos para designar a realidade, constituem-na através da linguagem, produzindo objetos, formas, condutas, definindo e delimitando o que é ou não adequado, dando sentido às nossas vidas e ao mundo (WORTMANN, 2005; VEIGA-NETO, 2004). A partir desta perspectiva, assumimos que as experiências vivenciadas coletivamente pelos jovens, ou seja, as práticas constituidoras das culturas juvenis são construídas a partir de determinadas contingências históricas, econômicas e sociais, tomando visibilidade, sobretudo diante das intensas mudanças ocorridas a partir do período pós-(segunda)guerra, permitindo que múltiplas possibilidades culturais tomem a cena.

Sabemos que foi fundamental neste processo a possibilidade dos jovens postergarem as obrigações da vida adulta, sendo-lhes permitido um tempo de tolerância e de preparação, delegando à escola a sua formação. Considerando que tal condição não se oferece da mesma forma para todos os jovens, sobretudo tendo em vista as desigualdades sociais, Margulis e Urresti (1998) desenvolvem a noção de *moratória social*. Conforme argumentam, os jovens dos setores altos e médios geralmente possuem maior oportunidade de estudar e adiar seu ingresso nas responsabilidades da vida adulta, ao passo que os jovens dos setores populares muitas vezes necessitam ingressar cedo no mundo do trabalho, a trabalhos ‘mais duros’ e ‘menos atrativos’, antecipando uma série de responsabilidades familiares e muitas vezes carecendo de tempo e dinheiro para viver um período prolongado de certa despreocupação com responsabilidades presentes na vida adulta.

Igualmente, uma série de condições como classe, lugar onde vivem, gerações a que pertencem e a própria diversidade cultural perpassam os modos de ser/estar jovem, impossibilitando falarmos de uma juventude única, como ressaltam Margulis e Urresti (1998), mas sim tratarmos de *juventudes* – no plural. Logo, há múltiplas maneiras de ‘ser’ e ‘estar’ jovem, considerando as diversas possibilidades que se apresentam nos planos econômico, social, político e cultural (GARBIN, 2006; 2010). As múltiplas culturas juvenis – que

poderíamos nomear de ‘juventudes plurais’ – vêm se constituindo na própria superfície da contemporaneidade, produzindo significativas mudanças não somente nos sujeitos, mas também nas próprias instituições responsáveis por sua formação, a exemplo da escola.

A este respeito, consideramos de suma relevância para o campo educacional colocarmos em pauta quem são estes jovens que ‘invadem’ a cena contemporânea com seus diferentes estilos e marcas culturais. Para tanto, lançamos mão das discussões produzidas junto ao grupo de pesquisa que, através da articulação dos referenciais teórico-metodológico dos Estudos Culturais em Educação, dos estudos sobre juventudes e da etnografia e da netnografia pós-moderna no campo da educação, produzem outros modos de *olhar* estes sujeitos-jovens através do viés cultural.

Ao assumirmos tais referenciais em nossas pesquisas, passamos a problematizar concepções e procedimentos que abrangem discussões sobre as intempéries da inserção em campo, referindo-nos a observação das práticas culturais e sociais em suas especificidades e jogos de poder. Partindo das premissas de Geertz (2002), também passamos a discutir particularidades oriundas da análise e da escrita de nossas pesquisas, compreendidas como invenções, construções a partir do *olhar* do pesquisador diante da impossibilidade de ser o ‘outro’ ou de descrevê-lo como se o fosse. Lançando mão das palavras de Gottschalk (1994), a virada pós-moderna traz a exigência de um movimento de auto-reflexão do autor sobre suas escolhas, lugares, vozes, métodos, estratégias textuais e autoridade.

Como comenta Azevedo (2012) a este respeito:

A discussão sobre a etnografia não se esgota no cuidadoso espaço de realização da observação-participante, das entrevistas, das conversas e das preciosas anotações no diário de campo; ao contrário, mantém-se na produção discursiva que constituirá sujeitos e culturas, produzirá o ‘outro’ numa relação de *estranhamento* diante de sua proximidade com o pesquisador, e de questionamento da própria autoridade etnográfica (AZEVEDO, p. 33, 2012).

Imbricadas as novas relações que se estabelecem a partir dos usos das novas tecnologias, outras formas de fazer pesquisa também se produzem, como o deslocamento do olhar etnográfico sobre práticas culturais nos espaços virtuais. Referimo-nos a netnografia, termo cunhado por pesquisadores norte-americanos em 1995 a respeito da apropriação de referenciais da etnografia para observação de sujeitos no ciberespaço (BRAGA, 2001 *apud* MARQUES, 2010).

Ressaltamos que embora haja especificidades em relação às pesquisas etnográficas e netnográficas, não se desfazem as problemáticas de campo: aproximação, estranhamento e constituição de redes de informantes, levando-se em consideração a ética na pesquisa. Bem como o entendimento de que a mesma preocupação presente na construção do campo, deve se fazer presente na escrita seja etnográfica ou netnográfica.

## **CULTURAS JUVENIS DO SÉCULO XXI: QUEM SÃO ESTES JOVENS?**

As profundas, amplas e rápidas transformações sociais, econômicas e culturais ocorridas no âmbito mundial que caracterizam a contemporaneidade são analisadas em diferentes concepções, conforme discute Veiga-Neto (2006), “*alguns chamam hipermodernidade (Lipovetsky), modernidade tardia (Rouanet), de modernidade avançada ou modernidade líquida (Bauman), e que, se descartando das metanarrativas iluministas, ressignifica as percepções e usos do tempo e do espaço*” (VEIGA-NETO, 2006, p. 4). No presente texto, remetemo-nos a metáfora de Bauman (2007) sobre a passagem da *modernidade sólida* para a *modernidade líquida*, sobretudo, pela forma em que mesma se tornou uma importante ferramenta desenvolvida diante do desafio de compreender a sociedade contemporânea.

O paradigma adequado para compreender a Modernidade em seu estágio anterior seria *fundir a fim de solidificar* dando conta de explicar a forma como houve a emergência de uma série de saberes, especialistas e estratégias que passaram a gerir de forma produtiva a população, a partir de formas de pensar que objetivavam o controle minucioso e a ordem para a construção de uma nova sociedade e de novos sujeitos. A modernidade propositou absorver, superar ou suprimir quaisquer formas que fugissem ao seu ordenamento, marcando o tempo ao ritmo do seu projeto, criando determinadas formas e solidificando-as, definindo suas dimensões de maneira clara e mensurável, produzindo assim, uma noção determinada de tempo e espaço (BAUMAN, 1999; 2010).

Contemporaneamente, vivemos a liquefação das formas sólidas que nos constituíam ao longo desse processo, embora não tenhamos nos desfeito das mesmas, apenas foram eliminadas as formas que não permitiam sua fluidez, produzindo-se uma renegociação dos seus significados. Conforme argumenta Bauman (2008; 2010), assim como as substâncias líquidas, as instituições, os fundamentos, os padrões e as rotinas não tendem a manter sua

forma por muito tempo, já que “(...) *entramos em um modo de viver enraizado no pressuposto de que a contingência, a incerteza e a imprevisibilidade estão aqui para ficar*” (BAUMAN, 2010, p. 13).

É neste solo movediço, imbricando-se as profundas mudanças ocorridas na modernidade líquida, que se produz uma série de deslocamentos e alterações no que denominamos juventude. Em sua arguição sobre juventude na contemporaneidade, Schmidt (2007) desenvolve a noção de *juventude líquida* a partir da metáfora de liquidez *baumaniana*, tendo como fundamento para tal compreensão não somente o caráter ambivalente conferido a juventude, mas pela sua constituição no que denomina *efeito-superfície da modernidade líquida*. Ou seja, entende que, por estar intrinsecamente relacionada à modernidade líquida como parte de sua *superfície de atuação*, a juventude vem rompendo, dissolvendo, derretendo sólidos, colocando em xeque modos de ser e vindo a se constituir a partir de outros padrões, portanto, criando novos sólidos para si, mesmo que efêmeros.

Garbin (2006) por sua vez, destaca que os jovens dos anos 2000 não são os jovens dos anos 1970, nem os dos anos 1980, e assim por diante. Pergunta-se: se algumas gerações estiveram marcadas por grandes guerras, outras por ditaduras ou, ainda, por outros acontecimentos, quais seriam as marcas, os signos, as metáforas, as condições dos jovens do século XXI? A autora ainda afirma que “*ser/estar/parecer/ jovens numa leitura atual, é dizer que se é dono de uma identidade juvenil - é assumir uma prática cultural*” (2001, p. 80).

Pesquisas sobre práticas culturais juvenis contemporâneas trazem importantes pautas para o debate, ao propor tomar como foco de suas análises diferentes cenários em que se produzem determinados modos de ‘ser’ e ‘estar’ jovem neste ‘efeito-superfície’. Sujeitos que muitas vezes nos inquietam por nos parecer ‘estranhos’, ‘alienígenas’, ‘fora da ordem’ da paisagem moderna que nos constituiu como sujeitos a partir de um conjunto de instituições e procedimentos. Estes jovens que adentram na cena contemporânea têm se caracterizado por suas diferentes culturas, que se constituem em muitos lugares ao mesmo tempo, jovens que convivem desde a infância com o surgimento de novas tecnologias, modificando as noções de tempo e espaço, permitindo novas relações. Estudos realizados periodicamente pela MTV<sup>4</sup> analisam comportamentos de jovens brasileiros. Desde 1999, em suas primeiras edições, sinalizam que os meios de comunicação se intensificaram e ganharam nova roupagem. Como

---

<sup>4</sup> MTV – *Music Television*. Trata-se de canal televisivo aberto no Brasil destinado ao público jovem. Os Dossiês ‘Universo Jovem’ - se configuram em pesquisas encomendadas pela rede televisiva para cooptação de telespectadores e vêm se realizando desde o ano de 1999 em grandes centros urbanos do Brasil, dentre eles, Porto Alegre e atualmente está em sua V Edição (2000, 2005, 2010). Os resultados têm sido citados em diversos estudos sobre juventude contemporânea brasileira. Ver mais em: <http://mtv.uol.com.br/dossie/programa>.



exemplo, a internet: o que em 1999 ainda era uma promessa de alterações no comportamento, atualmente, vem possibilitando significativas mudanças em diferentes âmbitos sociais (Dossiê *Universo Jovem MTV I*, 1999).

## **DAS MARCAS E POSSIBILIDADES DE PESQUISAS DE CUNHO ETNOGRÁFICO E NETNOGRÁFICO EM EDUCAÇÃO**

Marques (2010) em estudo sobre a privacidade compartilhada nas páginas do *Orkut* e a produção de novas sensibilidades nas relações de afeto entre os sujeitos-jovens argumenta que,

Ao mesmo tempo em que os usuários do *Orkut* parecem satisfazer o desejo de falar de si ao compartilharem informações de sua vida, cumprem com certo compromisso que assumem ao estarem inseridos na “sociedade do espetáculo”<sup>5</sup>. (MARQUES, 2010, p.13).

Neste caso, a espetacularização de estilos – tanto em comunidades virtuais quanto presenciais – tem caracterizado as culturas juvenis, forjando formas de expressividades nunca antes experimentadas, principalmente em espaços escolares que se configuram em espécies de vitrinas onde o importante é ver e ser visto. Esses territórios fecundam e se multiplicam gerando novos mapas de afeto, de cumplicidade dentre os jovens, que exercitam ‘poderes performativos’ muitas vezes ‘chocando’ a sua comunidade escolar com suas vestes, suas pinturas, suas cenas, somando-se à premissa de Ortega (2006), “*preciso do seu olhar, de ser percebido, senão, não existo*” (p. 47).

Já o estudo realizado por Camozzato (2007), ainda em comunidades do *Orkut*, problematiza a produção de si e dos ‘outros’ numa cultura marcada por discursos relacionados aos corpos. As discussões versam sobre produções de si que, conectadas a determinados discursos que se articulam a normalizações corporais contemporâneas, envolvem também aprendizagens que se dão a partir de elementos na/da cultura. Percebe-se o quanto a cultura intervém nos processos que subjetivam práticas juvenis, fruto de objetivações produzidas num

---

<sup>5</sup> Empregamos o termo “sociedade do espetáculo” a partir de Debord (2005), caracterizando as práticas de ‘espetacularização’ da vida privada presentes na sociedade contemporânea, ou seja, a exposição de tais questões em espaços públicos, especialmente da mídia [grifo nosso].

entorno maior, que engloba o uso de técnicas para efetuações de aprendizagens para a produção do que nós estamos sendo.

Para Garbin (2006), a partir de inúmeros investimentos de práticas culturais e discursivas, os jovens modificam, transformam e constituem diferentes maneiras de ‘ser’ e ‘estar’ no mundo. A condição de ‘ser’ jovem imbrica-se a uma multiplicidade de possibilidades que tem em comum a busca constante, mas nunca plena, de identidades de pertencimento, de comunidades de estilos presentes num contexto fluido e em perpétua transformação. Garbin (2003; 2006) explica o conceito de *cultura juvenil* a partir de Feixa (1999) considerando que se trata das formas como as experiências dos jovens se expressam coletivamente, através da produção de estilos de vida distintos. São as micro sociedades: as tribos, as galeras e as agregações em seus diferentes estilos. Oliveira (2006) ressalta que as culturas juvenis se articulam a partir desses estilos que, conforme Garbin (2006) são criados e recriados pelos meios de comunicação massivos e pelo mercado. Feixa (1999) acrescenta que ocorrem, sobretudo, nos espaços intersticiais da vida institucional – fora da família, da escola, do trabalho, da igreja. Os estilos envolvem complexas escolhas do que pode ser entendido como consumo simbólico, cultural, afinal, são construções que envolvem imagens, territórios, objetos, referências, linguagens e práticas (sociais e culturais).

Práticas tidas como transgressoras foram problematizadas em estudo realizado no ano de 2011. A pesquisa realizada entre jovens que *okupam* o Parque da Redenção aos domingos permite buscar compreensões sobre a experiência de ‘ser’ jovem na contemporaneidade. Práticas que parecem se engendrar junto à lógica hiperconsumista, premiando excessos e enaltecendo as diferenças são visibilizadas nas performances juvenis que envolvem investimentos e marcas corporais, consumos musicais, ‘bebedeira’, consumo de cigarro e drogas ilícitas, bem como práticas como o ‘ficar’, a ‘pegação’. Os jovens compartilham práticas, discursos, significados e símbolos num espaço que clama por uma *performance* singular, afinal, ser diferente torna-se condição para fugir do anonimato. Nesses tempos, não há nada mais igual do que a busca para ser diferente para ser reconhecido perante os outros, tornando-se importante um desempenho satisfatório para a fabricação de si. Neste sentido, podemos perceber o caráter criativo e constitutivo das práticas de transgressão: possibilitam aos jovens outras experimentações, passando a transitar e *okupar* espaços, desafiando padrões estéticos e normativos, perturbando a sociedade heteronormativa constituída sob a égide do amor romântico e fazendo irromper a novidade, visibilizando outras subjetividades juvenis (PEREIRA, 2011).

Outras práticas culturais juvenis que se constituem nos espaços da metrópole desafiando normatividades e instituições são as tribos de jovens grafiteiros e pichadores. Conforme estudo realizado na cidade de Porto Alegre junto a esses jovens, podemos compreender que os *graffiti* e as pichações produzem outras pedagogias que rompem com conceitos formais de educação, ao mesmo tempo em que vêm se inserindo de forma crescente em espaços institucionais como escolas, museus e galerias de arte, apontando para uma *pedagogização* dessas práticas culturais (SILVA, 2010).

A respeito das práticas culturais juvenis e suas imbricações no âmbito escolar, podemos pensar na forma como a música, presente nos processos de identificação dos jovens, criando e recriando pertencimentos, articulando-se aos modos de vestir, maneiras de agir e de marcar o próprio corpo, passa a ser institucionalizada, conforme aponta a pesquisa realizada no ano de 2004 numa escola pública de Porto Alegre. O estudo analisa determinadas práticas culturais juvenis atreladas à música através de um projeto da escola intitulado *Projeto das Tribos*, visibilizando-se nas cenas musicais de diversos gêneros e pertencimentos que se apresentam no palco da escola, em demais atividades institucionalizadas, mas também nos seus interstícios, nas agregações de jovens e ressignificações de espaços, como nas escadarias da escola (SANTOS, 2006).

Ainda no âmbito dos espaços escolares, trazemos as discussões acerca de como, na escola contemporânea, emergem determinadas práticas juvenis que tensionam seus espaços e tempos. Severo (2011) analisa as práticas juvenis que ocorrem nos espaços escolares, problematizando as relações que se dão entre os *sujeitos-jovens-alunos* e os rituais de controle instituídos pela ordem escolar. Para a autora, muitas das vivências dos jovens contemporâneos são ‘capturadas’ pelo currículo – oficinas de grafite, aulas de *hip hop* no recreio, rodas de *funk*, entre outras – a fim de serem utilizadas como estratégias de regulação das condutas dos jovens-alunos no universo escolar.

Dentre os espaços e tempos discutidos por Severo (2011), encontramos o espaço do recreio como um dos principais cenários de protagonismo jovem. Neste sentido, Linck (2009) analisou os processos de pertencimentos identitários juvenis, tendo como o recreio a principal vitrina de tais identidades. De acordo com o estudo, os jovens observados constituíam grupos e comunidades, produzindo práticas e *lugarizando* espaços nos quais alguns sujeitos eram incluídos e/ou excluídos dentre seus pares. Inferiu-se que o momento do recreio escolar, apesar de estar inserido num contexto institucionalizado, constitui-se em um importante lugar de socialização, de tensionamentos, de processos de pertencimentos que ultrapassam o espaço



da sala de aula, *borrando* fronteiras entre as práticas escolares e o movimento de ‘ser’ e ‘estar’ jovem.

A constituição de sujeitos-jovens evangélicos numa religião marcada pela forte ênfase na cultura bíblica, a Assembléia de Deus, vem sendo tematizada por Azevedo (2012). Por compreender que as formas de constituição dos sujeitos ocorrem imbricadas a espaços e investimentos que os perpassam nos diversos âmbitos, o estudo problematiza espaços e investimentos que contribuem na constituição de sujeitos-jovens marcadamente assembleianos. Registre-se que se trata de relações que se atrelam ao amplo segmento evangélico e de demais investimentos presentes na sociedade diante de um contexto de intensa fluidez, em que se (re) criam espaços, tempos, relações.

Os conjuntos das pesquisas referidos até então, tematizam diferentes práticas culturais juvenis permitindo buscar compreensões sobre este amplo campo temático. Balizam justamente que não estamos diante de uma única juventude, homogênea, mas de múltiplas juventudes que se produzem contingencialmente. Diferentemente do mundo adulto, os jovens já nasceram neste ‘efeito-superfície’ de fluidez, conectividade, consumo, *performatividade*, controle. Mesmo diante de diferentes condições de viver esta juventude, conforme nos remetemos a Margulis e Urresti (1998) a respeito da *moratória social*, as múltiplas formas de ‘ser’ e ‘estar’ jovem que vêm sendo analisadas nos estudos se produzem imbricadas aos discursos midiáticos, aos apelos do consumo, ao imperativo da conexão, ainda que possam se articular a outros discursos, como nos espaços religiosos, ou a distintas significações e apropriações dos espaços das metrópoles.

## **CONSIDERAÇÕES, MAS NÃO FINAIS...**

As produções permitem inferir que não há uma única juventude a ser narrada, mas múltiplas formas de ‘ser’ e ‘estar’ jovem que se produzem contingencialmente. Filhos deste ‘efeito-superfície’ de fluidez, conectividade, consumo, descartabilidade, *performatividade*, controle e flexibilidade, os jovens – frente aos sólidos marcos que ergueram as instituições e preceitos modernos – parecem sujeitos outros, desencaixados, desordenados, ‘alienígenas’ que desafiam constantemente os modos de pensar que outrora nos constituíram. Neste ‘efeito-superfície’ de fluidez, de valores embaralhados, pistas que se movem e marcos que se derretem, parece que as opções devem ser abertas. Assim, conforme argumenta Bauman

(2003; 2009), não servem mais identidades que ofereçam igualdade ou continuidade, pois nos diminuiriam as opções, num mundo que exige quantas mais opções possíveis e abertas as mudanças, torna-se imperativo a flexibilidade.

Portanto, talvez não sejam os jovens propriamente que estejam desordenados, parece que vivemos na era dos desencaixes, remetendo-nos a Bauman (2003; 2009): diferentes tamanhos, formas, estilos mutáveis que colocam os homens em movimento, sem prometer um lugar de chegada. Neste caleidoscópico, não são apenas os valores que se embaralham e os marcos que se derretem, as instituições erguidas sob a égide da ordem – a exemplo da escola – veem-se desafiadas diante do papel de formação de outros sujeitos para outra sociedade. Neste sentido, consideramos pertinente o desenvolvimento de pesquisas sobre juventudes que se proponham a assumir como pauta a análise sobre culturas juvenis, problematizando assimetrias nas relações de poder presente entre o *olhar* do pesquisador, adulto, e os sujeitos-jovens pesquisados.

## REFERÊNCIAS

- AZEVEDO, Daniela Medeiros de. **A marca da promessa: culturas juvenis assembleianas**. Projeto de Tese (Doutorado em Educação) – Programa de Pós-Graduação em Educação, Faculdade de Educação, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, RS, 2012.
- BAUMAN, Zygmunt. **Modernidade e Ambivalência**. Rio de Janeiro, RJ: Jorge Zahar Ed., 1999.
- \_\_\_\_\_. **Comunidade: a busca por segurança no mundo atual**. Rio de Janeiro, RJ: Jorge Zahar Ed., 2003.
- \_\_\_\_\_. **Tempos líquidos**. Rio de Janeiro, RJ: Jorge Zahar Ed., 2007.
- \_\_\_\_\_. **Vida para Consumo**. Rio de Janeiro, RJ: Jorge Zahar Ed., 2008.
- \_\_\_\_\_. **A sociedade individualizada: vidas contadas e histórias vividas**. Rio de Janeiro, RJ: Jorge Zahar Ed., 2009.
- \_\_\_\_\_. **Legisladores e Intérpretes**. Rio de Janeiro, RJ: Jorge Zahar Ed., 2010.
- CAMOZZATO, Viviane Castro. **Habitantes da cibercultura: corpos ‘gordos’ nos contemporâneos modos de produzir a si e aos ‘outros’**. Porto Alegre, RS, 2007. Dissertação de Mestrado (Mestrado em Educação). Programa de Pós-Graduação em Educação, Faculdade de Educação, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, 2007.
- COSTA, Marisa Vorraber. Quem são? Que querem? Que fazer com eles? Eis que chegam às nossas escolas as crianças e jovens do Século XXI. In: MOREIRA, Antonio Flávio; ALVES,

Maria Palmira, GARCIA, Regina Leite (orgs.). **Currículo, cotidiano e tecnologias**. Araraquara, SP: Junqueira&Marin, 2006.

DEBORD, Guy. **A sociedade do espetáculo**. Rio de Janeiro, RJ: Contraponto, 2005.

DOSSIÊ MTV – Universo Jovem I. **Retrato do Jovem**. ROCCA, Wilma. (org). Escritório de Pesquisa e Planejamento. Rio de Janeiro, RJ: MTV, 1999.

FEIXA, Carles. **De jóvenes, bandas y tribus: antropología de la juventud**. Barcelona, ES: Ariel, 1999.

FOUCAULT, Michel. **A Ordem do Discurso**. São Paulo, SP: Loyola, 1996.

GARBIN, Elisabete Maria. **www.identidadesmusicaisjuvenis.com.br** – um estudo de chats sobre música da internet. Porto Alegre, RS, 2001. 260f. Tese (Doutorado em Educação) – Programa de Pós-graduação e em Educação, Faculdade de Educação, Universidade Federal do Rio Grande do sul, UFRGS, 2001.

\_\_\_\_\_. Cultur@s Juvenis, Identid@des e internet. Questões atuais. **Revista Brasileira de Educação**, São Paulo, SP, n. 23, p. 110-135, mai./ago, 2003.

\_\_\_\_\_. Cenas juvenis em Porto Alegre: “lugarizações”, nomadismos e estilos como marcas identitárias. In: SILVEIRA, Rosa Maria Hessel. **Cultura, poder e educação: um debate sobre Estudos Culturais em educação**. Canoas, RS: Editora Ulbra, 2006.

\_\_\_\_\_. **Culturas Juvenis Contemporâneas - Cenários De Múltiplos (Des)Ordenamentos**. Projeto de Pesquisa. Programa de Pós-graduação em Educação. Universidade Federal do Rio Grande do Sul, 2010.

GREEN, Bill; BIGUM, Chris. Alienígenas na sala de aula. In: SILVA, Tomaz Tadeu da (org). **Alienígenas em sala de aula: uma introdução aos Estudos Culturais em Educação**. Petrópolis, RJ: Vozes, 1995.

LINCK, Rosane Speggorin. **Hora do recreio!** Processos de pertencimentos identitários juvenis nos tempos e espaços escolares. 2009. Dissertação (Mestrado em Educação). Programa de Pós-Graduação em Educação, Faculdade de Educação, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, 2009.

MARGULIS, Mário; URRESTI, Marcelo. La construcción social de la condición de la juventud. In: CUBIDES, H. J., TOSCANO, M. C. L., VALDERRAMA, C. E. H., (ed) **Viviendo a toda** – Jóvenes, territorios culturales y nuevas sensibilidades. Série Encuentros, Fundación Universidad Central, Santafé de Bogotá, Paidós, 1998, p. 3-21.

MARQUES, Cíntia Bueno. **Privacidade compartilhada nas páginas do Orkut: (novas) sensibilidades nas relações de afeto entre sujeitos-jovens**. Porto Alegre, RS, 2010. Projeto de Tese (Doutorado em Educação). Programa de Pós-Graduação em Educação, Faculdade de Educação, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, 2010.

OLIVEIRA, Rita de Cássia. Culturas juvenis na metrópole: cultura audiovisual, formas de expressão e consumo simbólico. In: FREITAS, Marcos Cezar de (org.). **Desigualdade Social e diversidade cultural na infância e na juventude**. São Paulo, SP: Cortez, 2006.

ORTEGA, Francisco. Das utopias sociais às utopias corporais. In: ALMEIDA, Maria Isabel Mendes de; EUGENIO, Fernanda. **Culturas jovens: novos mapas do afeto**. Rio de Janeiro, RJ: Jorge Zahar Editor, 2006.

PEREIRA, Angélica Silvana. **Domingo no Parque: Notas sobre a experiência de ser jovem na contemporaneidade**. Porto Alegre, RS, 2011. Tese (Doutorado em Educação) - Programa de Pós-Graduação em Educação, Faculdade de Educação, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, 2011.

SANTOS, Lisiane Gazola. **Sons das Tribos: compondo identidades juvenis em uma escola urbana de Porto Alegre**. Porto Alegre, RS, 2006. Dissertação (Mestrado em Educação) - Programa de Pós-Graduação em Educação, Faculdade de Educação, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, 2006.

SCHMIDT. **Ter atitude: juventude líquida na pauta**. Um estudo sobre mídia e cultura jovem global. Trabalho apresentado ao Grupo de Trabalho “Recepção, Usos e Consumo Midiáticos” do XVI Encontro da Compós, na UTP, em Curitiba, PR, em junho de 2007.

SEVERO, Rita Basso Soares. **Enquanto a aula acontece... Práticas juvenis na escola contemporânea**. Porto Alegre, RS, 2011. Projeto de Tese (Doutorado em Educação) - Programa de Pós-Graduação em Educação, Faculdade de Educação, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, 2011.

SILVA, Eloenes Lima da. **A gente chega e se apropria do espaço! - graffiti e pichações demarcando espaços urbanos em Porto Alegre**. Porto Alegre, RS, 2010. Dissertação (Mestrado em Educação) - Programa de Pós-Graduação em Educação, Faculdade de Educação, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, 2010.

SILVA, Tomaz Tadeu da. Currículo e Identidade Social. In: SILVA, Tomaz Tadeu da (org). **Alienígenas em sala de aula: uma introdução aos Estudos Culturais em Educação**. Petrópolis, RJ: Vozes, 1995.

TRAVERSINI, Clarice Salete. O desencaixe como forma de existência da escola contemporânea. Apresentado na mesa-redonda **Desencaixes da escola contemporânea: desafio a superar?** 4º SBECE - 1º SIECE, 23-25/05/2011. Canoas, RS: ULBRA, 2011, 12 p.

VARELA, Julia; ALVAREZ-URIA, Fernando. **Arqueología de la escuela**. Madrid, ES: La Piqueta, 1991.

VARELA, Julia; ALVAREZ-URIA, Fernando. A maquinaria escolar. Porto Alegre, RS, **Teoria e Educação**, n. 6, p. 68-96, 1992.

VEIGA-NETO, Alfredo. Michel Foucault e os Estudos Culturais. In: COSTA, Marisa Vorraber (Org.). **Estudos Culturais em Educação: mídia, arquitetura, brinquedo, biologia, literatura, cinema...** Porto Alegre, RS: Editora da UFRGS, 2004.

\_\_\_\_\_. Educação e pós-modernidade: impasses e perspectivas. **Educação On-line** (PUC-Rio), Rio de Janeiro, RJ, ano 2, n. 2, 2006.

\_\_\_\_\_. **Foucault e a Educação**. Belo Horizonte, MG: Autêntica, 2007.



\_\_\_\_\_. Crise da Modernidade e inovações curriculares: da disciplina para o controle.

**Revista Sísifo**, Revista de Ciências da Educação, Faculdade de Psicologia e de Ciências da Educação da Universidade de Lisboa, Lisboa, PT, n. 7, set./dez. 2008.

WORTMANN, Maria Lúcia Castagna. Dos riscos e ganhos de transitar nas fronteiras dos saberes. In: COSTA, Marisa Vorraber; BUJES, Maria Isabel Edelweiss (orgs.). **Caminhos Investigativos III**: Riscos e possibilidades de pesquisar nas fronteiras. Rio de Janeiro, RJ: DP&A, 2005. p. 45-67.